Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Tecnologias de enfrentamento ao discurso de ódio contra mulheres: mediações digitais e práticas de proteção na plataforma Radar 'Antigênero'[1]

Technologies for Combating Hate Speech Against Women: Digital Mediations and Protection Practices on the 'Radar Antigênero' Platform

Beatriz Lopes Thomazini Neves
Eduarda Albrechete Motta

Palavras-chave: Midiatização; Discurso de ódio; Plataformas digitais; Violência de gênero; Radar Antigênero.

A intensa circulação de discursos de ódio e narrativas de teor antigênero em ecossistemas digitais impõe novos desafios analíticos no atual cenário de hipermidiatização. Esse fenômeno potencializa disputas simbólicas e processos de desinformação direcionados a minorias e grupos vulnerabilizados, demandando dispositivos tecnológicos capazes de rastrear esses fluxos.

Neste contexto, o estudo investiga o Radar Antigênero, plataforma lançada em setembro de 2025 pela organização de mídia Gênero e Número em cooperação técnica com o estúdio de análise Novelo Data. A ferramenta recorre a mecanismos de inteligência artificial (IA) e processamento estatístico para mapear, classificar e analisar vídeos no YouTube que propagam conteúdos. Desse modo, a metodologia da ferramenta se

[1] Trabalho apresentado ao VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFBA. Salvador, Bahia. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.

organiza em três eixos fundamentais: temas, estratégias discursivas e sujeitos, o que permite mapear tanto o volume de conteúdo quanto a complexidade das táticas comunicativas empregadas, como o uso de teorias da conspiração, ridicularização e mobilização do medo.

A proposta central do Radar Antigênero é conferir transparência a um ecossistema digital muitas vezes ocultado pela racionalidade algorítmica, oferecendo dados acessíveis para jornalistas, pesquisadores e a sociedade civil. Ao tornar visível como o discurso antigênero é instrumentalizado em disputas políticas, a iniciativa busca oferecer insumos para o enfrentamento de ataques à diversidade e aos direitos humanos.

O diálogo dessa iniciativa com o conceito de midiatização estabelece-se na compreensão da mídia como um ambiente estruturante da vida social, o chamado bios midiático, onde as instituições e práticas cotidianas são moldadas pela lógica dos meios técnicos. O Radar monitora fenômenos que ocorrem na tecnocultura, onde a interação humana transforma-se em tecnointeração e os discursos não estão mais limitados a esferas estanques, mas atravessam transversalmente a sociedade.

Como o processo de midiatização confere condições de produção a atores individuais e instituições não midiáticas, o Radar capta como esses sujeitos se apropriam de lógicas midiáticas para coestruturar a sociedade a partir de práticas interacionais e discursivas no YouTube.

Nesse contexto, a circulação de sentidos é entendida como o espaço de contato, disputa e negociação por excelência, onde os discursos são apropriados e transformados em novos sentidos. Assim, a iniciativa atua na zona de interdiscursividade, evidenciando como sentidos antigênero ganham valor e permanência através da replicação contínua em dispositivos difusos. Ao analisar o "fluxo adiante" dessas narrativas, a ferramenta revela que a circulação intermidiática no ambiente das plataformas é o local onde a crença simbólica se consolida, publicizando imagens e discursos que passam a organizar a percepção social sobre gênero.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Em sua obra mais recente, Butler (2024) investiga como a categoria de gênero foi convertida em um fantasma ou "ideologia" perigosa por movimentos conservadores, argumentando que essa visão fantasmagórica é utilizada estrategicamente para canalizar ansiedades sociais e acionar formas de demonização contra minorias LGBTQIA+[2] e movimentos feministas.

Os dados coletados pelo Radar corroboram a tese da autora ao demonstrar que o discurso antigênero no YouTube é cíclico e reativo, operando como uma "cortina de fumaça" em momentos de disputa institucional para fortalecer a heteronormatividade e a dominação patriarcal. Assim, a plataforma materializa a análise de Butler sobre a performatividade e a reprodução social de normas que buscam patologizar e criminalizar vidas dissidentes, revelando o sadismo moral que estrutura a ordem virtuosa desses movimentos.

A problemática central consiste em responder de que maneira o monitoramento algorítmico do Radar Antigênero, ao atuar como mediação sociotécnica, contribui para a produção social de conhecimento e viabiliza práticas de resistência e proteção digital em ambientes hipermidiatizados. A hipótese deduzida assume que a sistematização pública e visual dos dados converte a opacidade algorítmica corporativa em visibilidade crítica, constituindo um nexo de "reencantamento" analítico contra os desencantamentos provocados pela violência algorítmica comercial.

2. Objetivos

O objetivo geral consiste em analisar como a arquitetura técnico-comunicacional do Radar Antigênero opera como tecnologia de enfrentamento à violência de gênero e como gera mediações de circulação de conhecimento crítico. Os objetivos específicos compreendem:

[2] Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, intersexuais e assexuais.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

- Mapear os critérios taxonômicos de IA aplicados pelo Radar Antigênero e pela Gênero e Número para identificar padrões e palavras-chave de ódio;
- Identificar de que forma a organização de dados quantitativos e qualitativos expõe as estratégias de circulação das redes antifeministas no YouTube;
- Investigar os processos de apropriação tecnológica por organizações civis para a produção de contra-narrativas e táticas de proteção coletiva.

3. Fundamentação Teórica

O suporte teórico ancora-se nas teorias de midiatização e circulação de sentidos desenvolvidas a partir das perspectivas teóricas de Braga (2010) e Gomes (2016), compreendendo a midiatização para além de um aparato técnico, mas como uma nova ambiência que reconfigura as práticas sociais, econômicas e políticas.

O diálogo estende-se a Ferreira (2020), cuja abordagem foca na circulação como objeto dinâmico, nas defasagens discursivas e nos agenciamentos de redes digitais. Sob essa ótica, o dispositivo tecnológico de monitoramento é visto como um "meio de contracorrente", onde a sociedade civil tenta tencionar os fluxos contínuos gerados pelas plataformas de Big Tech.

A opacidade desses ecossistemas comerciais de vigilância de dados é interpretada à luz de Shoshana Zuboff (2021) ao evidenciar o funcionamento do capitalismo de vigilância com a coleta massiva de dados feita por plataformas digitais; somando-se a esse debate, o conceito de plataformização será discutido a partir de Poell, Nieborg e van Dijck (2019). Finalmente, as dinâmicas de performatividade, corpos politizados e disputas discursivas amparam-se em Butler (2024), localizando o discurso antigênero como instrumento articulado de opressão simbólica.

4. Metodologia

A abordagem metodológica estrutura-se como uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva, conduzida através de um estudo de caso do dispositivo técnico Radar Antigênero. O corpus empírico é delimitado pelas interfaces ativas, taxonomias públicas e painéis de dados disponibilizados pela plataforma a partir do seu histórico de monitoramento.

Os procedimentos de análise técnica e observacional focam na análise das categorias temáticas fixadas pela inteligência artificial da plataforma para capturar marcadores discursivos de ódio; o exame das técnicas de infodesign e gráficos gerados pela parceria Gênero e Número e Novelo Data para dar inteligibilidade aos dados brutos e a avaliação das ferramentas de busca por palavra-chave integradas, observando como o site funciona como para jornalistas, pesquisadores e ativistas.

5. Considerações Finais

À luz dos estudos de midiatização, pode-se compreender a Radar Antigênero como uma manifestação concreta do que Braga (2012) define como o sistema de resposta social ou a instância de autoprogramação da sociedade. Nesse sistema, a sociedade deixa de ser apenas receptora para atuar criticamente sobre os fluxos midiáticos, utilizando dispositivos para enfrentar o papel das instituições tradicionais e qualificar o debate público. Ao converter metadados dispersos em relatórios estruturados, o Radar opera uma forma de resistência algorítmica, contrapondo-se à opacidade das plataformas e à racionalidade técnica que muitas vezes favorece a circulação de desinformação em massa.

Essa estratégia tecnológica de denúncia das violências históricas dialoga diretamente com as reflexões de Butler sobre o caráter fantasmagórico do termo "ideologia de gênero". O monitoramento algorítmico proposto pelo Radar materializa a necessidade de reduzir o que a autora chama de “fantasma” do gênero, revelando as táticas

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

de sadismo moral e as investidas cíclicas e reativas que visam patologizar e criminalizar vidas dissidentes no ambiente digital.

Ainda, o Radar Antigênero atua na zona de circulação intermidiática, onde os sentidos são disputados e negociados entre instituições midiáticas, não midiáticas e atores individuais. Ao frear a "dispersão caótica" das narrativas, a ferramenta intervém no processo de valorização de imagens e discursos, impedindo que certas narrativas de ódio se consolidem como "imagens-totens" inquestionáveis que organizam a percepção social. Essa apropriação tecnológica por parte da sociedade civil demonstra que, no chamado bios midiático, a técnica não é neutra e pode ser redirecionada para fins de emancipação e direitos humanos.

Por fim, em uma sociedade marcada pela dataficação e pelo capitalismo de plataforma, onde os dados são extraídos como capital e as desigualdades são automatizadas, a apropriação de ferramentas de inteligência artificial para proteger grupos vulnerabilizados reforça que a tecnologia, quando orientada pela ética do cuidado e da resistência política, tem o potencial de tornar-se um instrumento estruturante para a construção de um futuro digital mais justo e transparente.

Conclui-se, portanto, que o monitoramento algorítmico cidadão qualifica o debate público e propicia o desenvolvimento de estratégias empíricas de proteção de grupos vulnerabilizados. Diante dos desencantamentos provocados pela violência hipermidiatizada nas redes, a apropriação tecnológica com foco em direitos humanos destaca-se como alternativa para a resistência política e para a democratização no ambiente digital.

Referências

BRAGA, José Luiz. Circuitos de mensagens, circuitos de sentidos. In: FAUSTO NETO, Antônio et al. (Org.). Midiatização e processos sociais: aspectos metodológicos. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2010.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: JANOTI, Junior; MATTOS, Maria Angela; JACKS, Nilda (orgs.). Mediação e midiatização. Salvador: Edufba; Brasília: Compós, 2012. p. 31-52.

BUTLER, Judith Butler. Quem tem medo do gênero? Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2024.

FERREIRA, Jairo et al. (Org.). Plataformas, Algoritmos e IA: Questões e hipóteses na perspectiva da midiatização. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2025. Disponível em: https://www.midiaticom.org/e-books/. Acesso em: 13 maio 2026.

GÊNERO E NÚMERO; NOVELO DATA. Radar Antigênero: Tecnologia de monitoramento do debate público. Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: radar.org.br. Acesso em: 13 maio 2026.

GOMES, Pedro Gilberto. Dos meios à midiatização: um conceito em evolução. São Leopoldo: Unisinos, 2020.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Platformisation. Internet Policy Review, [s. l.], v. 8, n. 4, 2019. DOI: 10.14763/2019.4.1425. Disponível em: Internet Policy Review. Acesso em: 28 maio 2026.

ZUBOFF, Shoshana. A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.